

AS ORAÇÕES DE TEMPO NO DISCURSO ORAL

MARIA LUIZA BRAGA
(UFF/CNPq)

0. INTRODUÇÃO

O debate sobre o caráter motivado ou arbitrário da linguagem articulada remonta aos clássicos. Àquela época já se testemunhava a oposição entre os que defendiam um vínculo natural entre os nomes e as coisas que eles designam e os que sustentavam que a atribuição dos nomes às coisas é arbitrária, uma questão de lei, de instituição (Ducrot e Todorov, 1972). A Idade Média restabelece a controvérsia através da oposição entre realistas e nominalistas e, no início do nosso século, Saussure (1972) proclama a arbitrariedade do signo lingüístico, embora condescendendo numa relativização desta arbitrariedade nas classes de signos.

Nas duas últimas décadas, Haiman (1985), entre outros, retoma a discussão, deslocando, todavia, seu eixo. Aceita-se o caráter arbitrário do signo e investiga-se o caráter icônico da gramática e dos níveis - discurso, sintaxe, morfossintaxe e semântica - em que atuam os princípios da motivação. O caráter motivado das línguas poderia ser ilustrado pelos fenômenos de seqüenciação das orações nos discursos narrativos, ordenação das orações nas sentenças, entre outros.

Segundo ele, crucial para o conceito de iconicidade é a noção de diagrama, caracterizado como signo complexo que representa um conceito complexo. Idealmente o diagrama icônico deveria ser homólogo à realidade a que ele remete tanto no que diz respeito às *partes* quanto à *relação entre as partes* que o compõem. A homologia a que se refere Haiman pode ser decomposta em duas propriedades diferentes: a do *isomorfismo* e a da *motivação*. O isomorfismo estabelece que a correspondência entre os pontos do diagrama e os pontos da 'realidade' deverá ser uma-a-uma. Já a motivação estabelece que as partes de um diagrama e as partes dos referentes a que eles remetem deverão exibir as mesmas relações (p. 9).

As línguas naturais exibem as propriedades dos diagramas icônicos, isomorfismo e motivação, mas, simultaneamente, tendem a apresentar um pequeno número de categorias para uma multiplicidade de objetos, eventos e relações, enfim, a generalizar e economizar. Estes princípios divergentes - isomorfia e motivação, por um lado, e economia e simplificação, por outro lado - podem operar simultaneamente levando a um conflito de motivações. Em outras palavras, iconicidade e economia podem competir.

O gerúndio em *ing*, em inglês, segundo Haiman, ilustraria tal conflito de motivações. As orações de gerúndio se caracterizam por uma ambigüidade que decorre dos diferentes significados que lhe podem ser imputados e de suas propriedades morfossintáticas. Em outras palavras, elas admitem paráfrases e compartilham significados das orações coordenadas, mas se caracterizam por redução e incorporação, propriedades tradicionalmente associadas aos processos de subordinação. Mais ainda, as referidas propriedades são igualmente compatíveis com motivações icônicas e econômicas. Seriam a redução e a incorporação propiciadas por proximidade conceitual (motivação econômica) ou por ‘subordinação’ conceitual¹ (motivação icônica)?

Pareceu-me que a hipótese levantada por Haiman, em princípio, poderia ser testada, uma vez que várias das relações semânticas transmitidas pelas orações de gerúndio, além do seu contraponto subordinado desenvolvido, já salientado pela abordagem gramatical tradicional (Bechara, 1973; Cunha 1970; Said Ali 1964, 1965), podem ser codificadas também por estruturas coordenadas, como mostrarei a seguir. Trata-se de equiparação, evidentemente, parcial. A sinonímia perfeita, inexistente no campo lexical, por razões muito mais numerosas e congeniais, não se manifestaria a propósito de orações.

Assumindo uma superposição parcial entre as diferentes codificações sintáticas de uma mesma relação proposicional², este trabalho busca resolver a controvérsia levantada por Haiman. Para tal, inicialmente, procura verificar se, quanto a suas propriedades formais, as orações de gerúndio se aproximam mais da contrapartida subordinada desenvolvida ou das estruturas coordenadas; a seguir, investiga as razões que levam à opção pela variante de gerúndio.

Para tanto restringi-me à noção semântica de tempo já que esta é a acepção mais freqüentemente associada às orações de gerúndio pelas gramáticas tradicionais “... o gerúndio tem principalmente significado temporal...” (Cunha 1970). Abaixo apresento três trechos que exemplificam os tipos de orações que serão cotejadas neste trabalho: subordinadas reduzidas de gerúndio, subordinadas adverbiais desenvolvidas e coordenadas.

(1)

F: Os churrascoo da ~ de Buenos Aires,

Mas era cada bife que você não aguentava comer.

¹ O termo subordinação e seus correlatos serão empregados com duas acepções: uma primeira, ‘técnica’, diríamos, remete aos processos de articulação de orações; uma outra, ‘não-técnica’, equivale grosseiramente a ‘dependente, menos importante’. Os dois sentidos serão diferenciados pelo uso de aspas quando da segunda acepção.

² O conceito de relações proposicionais remete a Mann e Thompson (1986) que as caracterizam como as inferências, as relações semânticas que emergem da contigüidade de duas orações ou porções discursivas maiores. As inferências em questão podem ser sinalizadas ou não por conectivos.

Agora é engraçado que *you* saindo do Brasil
A gente sente uma falta muito grande dessa parte de verduras.
(DID/RJ)³

(2)

F: O estudante quando sai daquele curso
É um curso bem menor,
Menos tempo.
Quando ele sai daquele curso ele está pronto para algumas atividades,
Não são todas,
Né?
(SAL/DID)

(3)

F: Então o que ~ que ~
Você olha pro mundo,
Você olha,
E vê que Nietzsche tinha razão.
(REC/D2)

A análise dos exemplos acima mostra que as orações que nos interessam amalgamam as relações semânticas de tempo e condição⁴. Nem todas as ocorrências de oração de tempo exibem, porém, tal fusão. Os verbos no tempo pretérito e as seqüências *N + oração relativa* desfazem a ambigüidade, como mostra o exemplo seguinte:

(4)

F: Então as preocupações são muito ~ ah ~ de todo dia,
Levanta,
Tem que procurar comida.
Não tem ninguém para servir o café pra ele *na hora que ele levanta*.
(SP/EF).

³ Os dados que integram a amostra em que fundamentei minha análise foram extraídos das amostras de fala que constituem o acervo do Projeto NURC. Foram investigados os seguintes inquéritos:

| | Rio de Janeiro | São Paulo | Porto Alegre | Recife | Salvador |
|-----|----------------|-----------|--------------|--------|----------|
| DID | 328 | 234 | 045 | | 251 |
| D2 | 355 | 360 | 291 | 005 | 098 |
| EF | 379 | 405 | 278 | 337 | 049 |

⁴ Estudos mais recentes sobre gramaticalização demonstram, que, em numerosas línguas, os conectivos condicionais têm como fonte os itens que exprimem temporalidade (Hopper e Traugott, 1993).

Buscando controlar a interferência que as diferentes acepções de tempo poderiam acarretar, neste artigo restrinjo-me às orações com leitura temporal-condicional⁵.

Foram rejeitadas da amostra as orações de tempo às quais não se podia atribuir uma ‘principal’, quer porque o falante enveredava por nova linha de raciocínio, após a emissão da oração de tempo, quer porque ele omitia uma proposição que provavelmente teria sido formatada como ‘principal’. Os trechos seguintes exemplificam este tipos de orações:

(5)

F: A relação salário aluguel,
Já que o assunto foi lembrado aqui,
A relação salário aluguel *quando ele casou*,
Eu assisti a boda dele,
Quer dizer
(RJ/D2)

(6)

F: Acontece que *quando digo solidão*
É estar consigo mesmo
(REC/D2)

Por fim vale lembrar que também foram excluídas as orações subordinadas reduzidas de infinitivo como (7) abaixo, objeto de outro trabalho.

(7)

F: Uma das coisas fundamentais de qualquer preparo de prato,
Eu pelo menos acho assim,
Quer dizer,
É a minha opinião.
É que as pessoas,
Ao comerem,
Ao saborearem um prato,
Fiquem perguntando como é ~ como foi feito,
(POA/D2)

Feitas estas considerações, passo à análise

⁵ Aceito, como Mann e Thompson (1986), que as relações semânticas são inferidas quando da adjacência de duas orações ou porções discursivas maiores, não sendo ‘transportadas’, pois, por uma oração desvinculada de seu contexto. Todavia, por razões estilísticas, para evitar a longa perífrase *oração que propicia a emergência da relação de tempo quando contígua a outra*, usarei o sintagma *oração de tempo* para designar os enunciados examinados nesta trabalho.

1. ORAÇÕES DE GERÚNDIO: ESTRATÉGIAS DE SUBORDINAÇÃO OU DE COORDENAÇÃO?

As noções de coordenação e subordinação têm sido submetidas a severas críticas e revisões nas duas últimas décadas. Questionam-se as propriedades que identificariam tais processos e sugerem-se novas. Não há acordo, todavia, entre as novas abordagens, nem quanto aos parâmetros que permitiriam a caracterização sintática inequívoca das orações, nem quanto à abrangência destes parâmetros, nem quanto à terminologia. Lehmann (1988), por exemplo, propõe os seguintes critérios:

- 1- 'degradação' hierárquica da oração subordinada;
- 2- nível sintático do constituinte ao qual a oração subordinada se liga;
- 3- 'dessentencialização' da oração subordinada;
- 4- gramaticalização do verbo principal;
- 5- entrelaçamento das duas orações;
- 6- grau de explicitação do elo.

Lakoff (1984) privilegia o modo como as orações se articulam e as distribui em quatro grupos - parataxis, mixotaxis, quase hipotaxis, hipotaxis pura - segundo o grau de explicitação do elo que se estabelece entre elas.

Thompson (1984), Haiman e Thompson (1984) criticam o enfoque ocidental dos estudos sobre a linguagem que tendem a considerar a noção de subordinação ou como um primitivo ou como um processo universal e mostram que as construções incluídas sob tal rótulo são demasiado diferentes para se deixarem apreender por um único critério. Propõem a substituição de tal ponto de vista por uma enfoque que considere os modos de articulação sob o prisma do seguinte conjunto de parâmetros formais:

- 1- identidade entre o sujeito, tempo e modo das orações interligadas;
- 2- redução de uma das orações;
- 3- incorporação, gramaticalmente sinalizada, de uma das orações;
- 4- laço entonacional entre as duas orações;
- 5- inclusão de uma das orações no escopo da outra;
- 6- ausência de iconicidade temporal entre as duas orações;
- 7- identidade entre as duas orações quanto à perspectiva do ato de fala.

Evidentemente há uma superposição entre as listas de propriedades apresentadas por Lehmann, por um lado, e Haiman e Thompson, por outro lado. O que as distingue, a meu ver, não é tanto o elenco de parâmetros mas a interpretação, a abrangência concedida a eles. A proposta dos dois últimos é que o conjunto dos critérios formais sugeridos para o exame das orações seja desvinculado da noção de subordinação. Já o primeiro preocupa-se com critérios formais universais que autorizariam a alocação das orações ao longo de um continuum subordinação-coordenação.

Também divergente é a interpretação atribuída a certos parâmetros. A título de exemplo, consideremos *explicitação do sujeito* que para Haiman e Thompson explica-se por motivações associadas aos processos de coordenação e para Lehmann constitui um primeiro indício de dessentencialização, parâmetro relevante para a caracterização das orações subordinadas.

Face a esta diversidade de abordagens, optei por investigar dois critérios formais: a localização da oração de tempo face àquela que com ela se articula, daqui para frente denominada de ‘núcleo’⁶, e a explicitude do sujeito na oração de tempo.

O primeiro critério tem a ver com a proposta de Chafe (1988) para quem mobilidade posicional seria a única propriedade que diferenciaria as chamadas subordinadas adverbiais das coordenadas. Apenas as primeiras poderiam preceder ou seguir a oração ‘núcleo’:

“Apparently it is this capacity for what might be called bidirectional linking that distinguishes these ‘subordinate’ clauses from those discussed earlier (coordinate clauses)” (p. 19)

As coordenadas, por codificarem iconicamente a realidade a que remetem, não admitiriam alterações na ordem. Ou melhor, a modificação da ordem em que os fatos são apresentados implicaria, necessariamente, mudanças semânticas.

O critério proposto por Chafe merece, a meu ver, uma certa delimitação. Assim, em português, as orações coordenadas explicativas parecem gozar de maior liberdade enquanto que as adverbiais comparativas e consecutivas evitam a bidirecionalidade aludida acima. Visto, todavia, que o parâmetro descreve adequadamente o comportamento dos demais tipos, decidi utilizá-lo.

Os resultados para variável *mobilidade posicional* são apresentados abaixo.

TABELA 1: MOBILIDADE POSICIONAL DA CLAUSULA DE TEMPO

| | Sub.Adv.Des. | | Sub.Red. Ger. | | Coordenadas | | Total |
|--------------|--------------|-------|---------------|-------|-------------|-------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | |
| antepostas | 88 | 53,0 | 16 | 47,0 | 45 | 98,0 | 149 |
| Pospostas | 47 | 28,5 | 11 | 32,5 | | | 58 |
| Intercaladas | 31 | 18,5 | 7 | 20,5 | 1 | 2,0 | 39 |
| Total | 166 | 100,0 | 34 | 100,0 | 46 | 100,0 | 246 |

Os números acima revelam que a codificação de tempo por intermédio de orações subordinadas adverbiais desenvolvidas constitui a estratégia mais produtiva. As ocorrências de orações coordenadas ou de orações de gerúndio são bem mais escassas. Mostram também a adequação do critério *mobilidade posicional* no que diz

⁶ Usarei a expressão ‘oração núcleo’ em vez de ‘oração principal’ porque inexistem definições satisfatórias de oração principal e porque a aplicação deste termo, a se preservarem as definições gramaticais tradicionais, às orações de uma seqüência coordenada seria questionável. Daí a opção pelo rótulo mais neutro ‘núcleo’. Tal rótulo e emprego encontram respaldo em Mathiessen e Thompson (1988) e Hopper e Traugott (1993).

respeito à codificação de tempo. Embora os três tipos de orações ocorram preferencialmente antes da oração núcleo, as diferenças entre as subordinadas, por um lado, e as coordenadas, por outro lado, são significativas. As inferências de temporalidade, no caso de seqüências coordenadas, baseiam-se apenas na disposição linear das orações e no conhecimento de mundo. Qualquer alteração na ordem em que aparecem perturbará a leitura de tempo, como mostra o exemplo (3), aqui rerepresentado com outra numeração.

(8)

Entao o que ~ que ~
Você vê que Nietzsche tinha razão,
Você olha pro mundo,
Você olha.

As presença de conectivo entre a oração de tempo e a oração núcleo, nas seqüências coordenadas, não afeta a rigidez posicional a que este tipo de oração é submetido. O conectivo mais usual nestas seqüências, o *e*, sinaliza a existência de articulação entre as orações sem especificar, todavia, a natureza da relação semântica, como ilustra o trecho seguinte. A inexistência de um conectivo intimamente associado à codificação de tempo ajudaria a explicar a não mobilidade das orações coordenadas de tempo:

(9)

F: Por mais noção que a gente tenha de espaço e coisa,
Chega lá,
E olha,
(RIO/DID)

As orações subordinadas escapam a esta determinação posicional. Embora a ordem neutra pareça ser a anteposição, elas podem se pospor e mesmo se aninhar na oração núcleo como mostram os trechos em (10):

(10)

F: Eu fico com remorso até de comer o pão,
Quando eu como.
(RIO/DID)

F: Eu acho que a gente se sente muito bem,
Comendo assim frutas pela manhã.
(RIO/DID)

F: Porque engraçado que,
Quando a gente viaja.,
A gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes,
(RIO/DID)

F: Oh, Ed,
Eu lhe pergunto o seguinte:
Quem lhe garante que *ele em estando só*,
Ele estava em solidão?
(REC 154)

A inserção da oração de tempo na oração núcleo também é vetada às coordenadas. A única ocorrência classificada como intercalada envolvia um ‘tópico chinês’⁷ com suas frouxas conexões com o restante da oração:

(11)
F: A televisão,
Você vê sozinho.
Você não ~ não tá dialogando,
Enquanto teatro,
Você mesmo só,.
Você sente
Você convive
Você vive com o ator
(REC/D2)

Quanto à variável mobilidade posicional, a maior liberalidade de movimentos das orações subordinadas de gerúndio aproxima-as, pois, da sua contrapartida desenvolvida, afastando-as das coordenadas.

Haiman defende que o cancelamento do sujeito nas orações de gerúndio é motivado pelas mesmos princípios de economia que operam nas orações coordenadas: cancela-se um dos sujeitos por condições de identidade. Este apagamento é favorecido pela posição da oração coordenada, como demonstram os vários trabalhos que têm investigado tal fenômeno, quer os de cunho funcionalista quer os de cunho formalista (Paredes, 1988; Soares, 1994; Duarte 1993; Nicolau, 1994). Por outro lado, como mostrei previamente, recorre-se sistematicamente a tal parâmetro quando das tentativas de se definir o estatuto sintático de uma oração. Esta constelação de aspectos salienta, então, a importância deste critério e justifica sua inclusão neste trabalho. Passo, a seguir, a analisar os resultados obtidos.

⁷Estou usando a expressão ‘tópico chinês’ com a acepção que lhe atribuída por Chafe: “What the (chinese) topics appear to do is to limit the applicability of the main predication to a certain restricted domains....the topic sets a spatial, temporal, or individual framework within which the main predication holds...In brief, “real” topics (in topic-prominent languages) are not so much “what the sentence is about” as “the frame within which the sentence holds.” (1976, 50-51).

TABELA 2: EXPLICITAÇÃO DO SUJEITO NA ORAÇÃO DE TEMPO

| | Sub.Adv.Des. | | Sub.Red. Ger. | | Coordenadas | | Total |
|------------|--------------|-------|---------------|-------|-------------|-------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | |
| [+ explic] | 130 | 78,5 | 16 | 47,0 | 33 | 70,0 | 179 |
| [- explic] | 36 | 21,5 | 18 | 53,0 | 13 | 30,0 | 67 |
| Total | 166 | 100,0 | 34 | 100,0 | 46 | 100,0 | 246 |

As percentagens acima mostram um perfil diferenciado para as orações de gerúndio. Elas não polarizam as diferenças entre os fatores [+ explic] e [-explicit], como o fazem as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais desenvolvidas. Além disso as percentagens para [-explicit] são ligeiramente maiores do que as obtidas pelo outro fator, invertendo a distribuição exibida pelos outros dois tipos de oração. A realização do gerúndio no discurso oral fica assim a meio caminho das normas preconizadas pelas gramáticas tradicionais: elas omitem o sujeito, mas não no grau prescrito. Já os dois outros tipos de orações preservam o sujeito muito mais freqüentemente.

O alto índice de manifestação dos sujeitos nas orações coordenadas não deve provocar estranheza um vez que elas antecedem categoricamente a oração núcleo, como mostrei previamente (tabela 1). Este índice, bem como o exibido pelas subordinadas desenvolvidas, parece se explicar pela atuação de duas forças antagônicas: posição da cláusula e identidade do sujeito, a primeira a favorecer e a segunda a inibir a explicitude do sujeito. Os resultados para a tabulação cruzada entre *explicitude do sujeito* e *posição da oração*, por um lado, e *explicitude e identidade do sujeito*, por outro lado, apresentados na tabela 3, confirmam esta hipótese. Corroboram, também, a particularidade das cláusulas de gerúndio no que tange a realização do sujeito.

TABELA 3: EXPLICITUDE DO SUJEITO

| Anteposição da oração de tempo | Identidade de sujeito (núcleo e tempo) | | | |
|--------------------------------|--|------|--------|------|
| | Tipo de oração | Nº | % | Nº |
| Sub.Adv.Des. | 73/88 | 83,0 | 58/120 | 48,5 |
| Coordenada | 33/46 | 72,0 | 15/32 | 47,0 |
| Sub.Red.Ger. | 9/16 | 56,0 | 11/17 | 64,0 |

Embora pequenas, as diferenças percentuais entre orações subordinadas desenvolvidas e orações coordenadas, no que diz respeito à explicitação do sujeito, são sistemáticas, com as primeiras exibindo uma tendência mais forte para a preservação do constituinte em pauta. Tais resultados confirmam a correlação entre não-cancelamento de sujeito e orações subordinadas, mencionada por Haiman:

“There is in fact good evidence that subordinate clause are characterized by their failure to undergo reduction.... subordinate clauses mark subject, tense

and mood on the verb whether this is identical with that of the main verb or not.” (p. 216)

Os resultados quantitativos para os dois parâmetros investigados nesta seção do trabalho mostram que se com relação à *mobilidade posicional* as orações de gerúndio se comportam de forma semelhante às subordinadas adverbiais desenvolvidas, com referência à *explicitação de sujeito* elas exibem um perfil característico. Estes resultados sugerem, então, que as orações reduzidas de gerúndio constituem um tipo de construção particular que não pode ser assimilado nem à contrapartida subordinada desenvolvida nem às orações coordenadas capazes de codificar o mesmo tipo de proposição relacional.

2. MOTIVAÇÃO POR ECONOMIA OU POR ICONICIDADE?

A ambigüidade das orações de gerúndio explica-se, segundo Haiman, pela sua compatibilidade com uma dupla motivação: motivação por economia e motivação por iconicidade. Estas orações, por codificarem material conceitualmente próximo àquele exibido pela oração núcleo, cancelariam o sujeito e tempo-modo verbais. A economia, associada aos processos de coordenação, seria então o elemento propulsor do apagamento. A outra alternativa relaciona-se à motivação por iconicidade, isto é, as orações de gerúndio seriam reduzidas e incorporadas por codificarem material ‘subordinado’. A subordinação sintática estaria iconicamente refletindo a ‘subordinação’ conceitual.

A hipótese, inegavelmente, é instigante e sedutora. Seria, porém, possível decifrar o enigma e indicar com certa precisão a motivação que subjaz a uma oração de gerúndio?

A análise dos *tokens* desta amostra sugere que as orações de gerúndio pavimentam o discurso, criam as condições, a moldura para a apreensão do que vai ser asseverado na oração núcleo. Pareceria legítimo, então, considerar este material como pano de fundo, motivação por iconicidade. Mas quanto mais considera os exemplos, mais convencido se torna o analista quanto à simultaneidade ou quase simultaneidade entre os eventos codificados pelas orações núcleo e de gerúndio. Pareceria legítimo, então, considerar este material como conceitualmente próximo, motivação por economia. No trecho abaixo, por exemplo, a percepção de que as estradas brasileiras estão menos solicitadas é simultânea ou bastante próxima ao exame das estatísticas de tráfego.

Ex. (12)

F: Então sucede que *você vendo as estatísticas de tráfego,*
De distribuição de carga,
De peso por roda,
Etc.

Você vê que as estradas brasileiras estão menos solicitadas.
(SAL/D2)

A opção por uma leitura condicional, no caso das orações de tempo, não soluciona a ambigüidade já que entre os eventos e suas condições a proximidade conceitual é grande.

A análise de orações reduzidas com interpretação semântica outra que não a de tempo testemunha que a dificuldade em estabelecer os limites entre proximidade e ‘subordinação’ conceitual permanece a mesma. O exemplo seguinte é eloqüente a este respeito. Ele reproduz parte de um diálogo maior em que duas falantes discutem as conseqüências nefastas que o ingresso das mulheres na carreira de Procuradores de Estado trouxe para o salário dos membros desta classe. Segundo a falante, os obstáculos que os procuradores criam ao ingresso feminino seria uma reação à desvalorização salarial. A esperança de reversão das hostilidades surgiu com a escolha de uma mulher para a Procuradoria Geral do Estado

Ex. (13)

F: Tinha-se esperanças... em que dona Ana Candida tendo assumido a procuradoria geral do Estado,

Em ela sendo sendo mulher,

Que ela defendesse um pouco mais a classe,

Não?

(SP/D2)

Que razões teriam motivado a oração de gerúndio *em ela sendo mulher*? O sexo/gênero do Procurador Geral do Estado, àquela altura, era conhecido pelas falantes e facilmente inferível, quer pelo uso do pronome de tratamento *dona*, quer pelo nome próprio feminino *Ana Paula*. O sexo-gênero da procuradora geral do estado não será mais mencionado, o que nos levaria a crer que a informação codificada pela oração de gerúndio constituiria pano de fundo, informação ‘subordinada’. Logo motivação por iconicidade. Mas o sexo-gênero da procuradora geral do estado não seria uma característica sua inalienável? Ou melhor, aspecto constitutivo da sua identidade? Logo proximidade conceitual, motivação por economia.

Motivação por economia ou iconicidade? A ambigüidade resiste, pelo momento, a ser decifrada.

3. CONCLUSÃO

Neste artigo, investiguei a hipótese de Haiman segundo a qual a ambigüidade sintática das orações de gerúndio decorre do fato de elas serem compatíveis com dois tipos diferentes de motivação: economia e iconicidade. A primeira explica as propriedades de redução e incorporação em termos de proximidade conceitual; a segunda em termos de ‘subordinação’ conceitual. Para testar esta hipótese, restringi-me à relação semântica de tempo-condição e comparei as orações de gerúndio às

subordinadas desenvolvidas adverbiais e às seqüências de orações coordenadas com o mesmo tipo de proposição relacional. As três alternantes sintáticas foram analisadas segundo dois parâmetros: posição em relação à oração núcleo e explicitação do sujeito na oração de tempo. Os resultados da análise evidenciaram que, quanto à primeira variável, as orações de gerúndio aproximam-se da contrapartida desenvolvida; já quanto à segunda, apresentam um perfil específico, que as diferencia tanto das desenvolvidas quanto das coordenadas. A análise qualitativa, desenvolvida na última parte, sugere que as orações de gerúndio, em português, também se mostram compatíveis com os dois tipos de motivação mencionados acima. A ambigüidade parece um traço inerente deste tipo de oração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1973
- CHAFE, Wallace "Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view". In LI, Charles (ed.) *Subjects and topic*. New York,: Academic Press, 1976.
- _____"Linking intonation units in spoken English", in HAIMAN, J. & THOMPSON, S. a. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Company, 1988.
- CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte, Editora Bernardo Alvares S. A, 1970.
- DUARTE, M. E. "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil", in ROBERTS, I & KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.
- DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. *Dicionário das Ciências de Linguagem*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1972.
- HAIMAN, John. *NATURAL SYNTAX. Iconicity and erosion*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.
- HAIMAN, J & THOMPSON, S. A. " 'Subordination' in Universal Grammar". *Proceedings of the Tenth Annual Meeting of Berkeley Linguistics Society*. Berkeley, Berkeley Linguistics Society. 1984.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.
- LAKOFF, Robin "The pragmatics of subordination". *Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley, Berkeley Linguistics Society, 1984.
- LEHMANN, Christian "Towards a typology of clause linkage" in HAIMAN, J. and THOMPSON, Sandra (eds) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia, John Bnejamins Publishing Company, 1988.
- LEROY, Maurice. *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna*. São Paulo, Editora Cultrix, 1967.
- MANN, William C. e THOMPSON, Sandra A. "Relational Propositions in Discourse", *Discourse Processes* 9, 57-90, 1986.
- MATTHIESSEN, Christian & THOMPSON, Sandra A. "The structure of discourse and 'subordination' ", in HAIMAN, J. and THOMPSON, Sandra (eds) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1988.

- NICOLAU, E. M. D. *Sobre o uso do sujeito nulo no português culto falado no Brasil*. Trabalho de Qualificação em Sociolingüística, Campinas, UNICAMP, 1994.
- PAREDES DA SILVA, Vera L. *Cartas Cariocas: a variação do pronome na escrita informal*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1988, 330 p.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964
- SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1965.
- SAUSSURE, Ferdinand de *Curso de Lingüística Geral*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1972.
- SOARES, M. M. C. C. *A variação do sujeito na primeira pessoa do singular*. Dissertação de Mestrado., Rio de Janeiro, UFRJ, 1994, 167 p.
- THOMPSON, Sandra A. "Subordination in formal and informal discourse", in SCHIFFRIN, D. (ed.) *Meaning, form and use in context: linguistic applications*. Washington, DC, Georgetown University Press, 1984.